

Do «combate à droga» ao direito ao consumo: algumas notas sobre tendências evolutivas do fenómeno droga



Luís Fernandes

[NOTA BIOGRÁFICA] Professor da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. A expressão eco-social do fenómeno droga, nomeadamente nos territórios psicotrópicos de periferia urbana desqualificada, constituiu o principal interesse de investigação ao longo da sua carreira. Criou a primeira unidade curricular na universidade portuguesa dedicada à redução de riscos e minimização de danos e co-fundou a rede R3 – Riscos Reduzidos em Rede. A sua obra mais difundida, *O sítio das drogas* (1998), foi reeditada em outubro de 2021 em formato e-book.

Qual é a diferença entre a água e a água benta? Para alguns não é nenhuma, para outros é imensa. Thomas Szasz (1974: 4) resolveu a questão numa frase: a diferença não é química, é simbólica. Nós acrescentaríamos que a diferença é a que vai da estupefaciência à ciência – exatamente os dois momentos em que dividiremos estas breves notas.

I. OS TEMPOS DA ESTUPEFACIÊNCIA

A dimensão simbólica é decisiva na utilização de substâncias procuradas pela sua capacidade de modificação dos estados de consciência, de percepção, de humor. O aparelho de combate à droga, que não cessou de crescer ao longo de todo o século XX, teve grande dificuldade em escutar esta dimensão simbólica. Quando temos dificuldade em fazer uma conta olhamos para uma parcela de cada vez – e se a dificuldade for muita não conseguimos juntar as parcelas e achar a soma. A adição, portanto. Temos dificuldades na adição. Temos dificuldades na adicção – agora com dois “c”, pois estar adicto é uma coisa e a adicção é outra, por muito que andem hoje confundidas na ortografia.

As parcelas, na adicção, foram o químico e o indivíduo. Andámos anos a descrever efeitos do químico, a detetar novas substâncias que iam aparecendo, a apreender doses e a contabilizar overdoses. O químico impunha a sua (des)ordem à nossa frágil fisiologia, que rapidamente cedia à tolerância e se fazia dependente da molécula que se lhe instalara. Veio entretanto o advento das neurociências e o enigma concentrou-se no cérebro: como interagia o químico nos circuitos do prazer e do reforço? No início do milénio abundaram publicações que diziam a toxicoddependência uma doença do cérebro. Quem sabe... Jean Baudrillard (1987) tinha já dito nos anos 80 que, além dos

corpos e dos espíritos, as drogas estupidificam os juízos que fazemos sobre elas.

Continua hoje a fazer o seu curso o paradoxo entre a complexidade que as neurociências revelam do cérebro e o linearismo com que as usamos para tentar explicar toda a conduta a partir da sua base neural. É a persistência de um tipo de determinismo presente desde as origens nas ciências psicológicas: a necessidade de pensar o imaterial (a mente) a partir das materialidades (o suporte biológico). Trata-se de um totalitarismo explicativo que, debruçando-se analiticamente sobre o órgão mais complexo, dispensa precisamente a complexidade. Ou não é a mente constituída também a partir da nossa inscrição no sistema sociocultural? Ou não é o cérebro modificado continuamente a partir da experiência vivida? Estranho reducionismo que se entusiasma com a descoberta da neuroplasticidade e se encerra na rigidez explicativa...

Em paralelo, a partir do terreno clínico, aprofundava-se a análise da outra parcela: o indivíduo. Esquizotímico, toxicofílico, borderline, alexicotímico, imaturo. Não necessariamente tudo em simultâneo, mas isto ou aquilo consoante a tendência da psicopatologia que predominasse. Mais recentemente, com a vivência psicológica de um tempo em aceleração e a mudança de vocabulário que são uma das marcas dos nossos dias, passou a ter transtorno do impulso. E já não é toxicomaníaco, nem toxicoddependente, nem a droga é droga, mas substância psicoativa e ele o seu utilizador.

Foi muito a custo que convencemos os estrategas do combate à droga a meter na equação uma terceira parcela: o contexto. Para eles o contexto era uma entidade dicotómica: havia os países produtores do veneno e os que se deixavam

envenenar. Havia os cartéis, os correios, os traficantes, os traficantes-consumidores. E, no fim deste encadeamento aparentemente tão evidente, estava o indivíduo que consumia, tornando-se o recetáculo de todas as desgraças que esta pirâmide de malfeitorias produzia.

A progressiva afirmação de investigações oriundas da sociologia, da antropologia e da etnografia encarregar-se-ia de complexificar a noção de contexto e de mostrar o seu poder, tanto material como simbólico. Estava assim constituída nova parcela da adição – da adicção, aliás. Ou, se quisermos e para recorrer a uma geometria hoje já clássica no campo das drogas, afirmava-se o terceiro vértice do triângulo: o sociocultural. Sem ele, não teríamos por exemplo a descriminalização do consumo ou uma política de redução de riscos e minimização de danos, com a sua intervenção de proximidade em territórios e franjas de toxicodependentes particularmente problemáticos.

II. OS TEMPOS DA CIÊNCIA

Vão ficando para trás os tempos de estupefaciência, e hoje a governamentalidade ligada ao psicotropismo e seus abusos tem outras fundações, com pilares no conhecimento científico que entretanto se produziu e na aprendizagem que muitos anos de intervenção no fenómeno permitem. Sem pretensões de exaustividade, identificaremos em seguida algumas

tendências que o novo milénio viu esboçarem-se neste fértil campo do recurso voluntário às substâncias psicoativas.

– *Droga e individualidade* –

Relativizar o poder da substância química não significa ignorar as potencialidades que os diferentes princípios ativos apresentam na sua interação connosco. Por isso os procuramos desde tempos imemoriais, como atestam as investigações da etnobotânica e da antro-p-história. Antonio Escotado (1998), no início dos anos 90, rompia com a ortodoxia classificatória das drogas, emanada das instâncias médica e jurídico-moral, e propunha-nos que as arrumássemos em três grandes grupos. Cada um deles reunia substâncias, naturais ou sintéticas, que prometiam e ofereciam pelo menos nalgum grau paz, energia ou viagem. Ordenava-as assim de acordo com a sua funcionalidade para a nossa árdua tarefa do existir: todos buscamos paz interior, energia física e psíquica, evasão e devaneio¹.

Podemos assim dizer que os usos modernos das substâncias psicoativas, uma boa parte das quais fomos criminalizando ao longo de todo o século XX, se ligam a uma busca que caracteriza a modernidade: a do indivíduo à procura de si próprio. Quando se procura desafiam-se os limites, e os limites são zonas de risco. No extremo desta procura está a

1 O turismo de massas, agora abruptamente diminuído por causa da pandemia, disputa às drogas a capacidade de produção de evasão e devaneio e, tal como elas, produz um importante negócio à escala global. Na expressão original de Escotado (1998: 33-36), o terceiro grupo era constituído pelas substâncias de “excursión psíquica”; a cultura psicadélica dos anos 60 celebrizou a trip – estamos, portanto, no domínio da viagem. E quando juntamos viagem física e procura de substâncias psicoativas estamos no domínio do narcoturismo. Inicialmente só chamávamos drogas a substâncias que vinham de contextos exóticos – as drogas eram trazidas pelos que viajavam.

perda de si, e no extremo deste extremo a morte. Acertou portanto o primeiro de todos os slogans anti-droga, quando no início dos anos 70 espalhou por todo o país painéis com a frase “Droga-Loucura-Morte” – embora o tenha feito por razões bem diferentes das que estamos aqui a considerar.

Os extraordinários escritos que nos deixaram autoexperimentadores psicotrópicos, de Baudelaire a Freud, de Camilo Pessanha ao Repórter X Reinaldo Ferreira, de Aldous Huxley a Ernst Junger, mostram a relação entre as drogas e a individualidade. Ora, a expansão do exercício de si é um dos traços marcantes da modernidade, algo que não cessou de crescer até hoje e conduz os teóricos da contemporaneidade a falar nas sociedades do narcisismo e na hiper-individualidade. Como que acompanhando estes desdobramentos do indivíduo, também no campo psicotrópico as substâncias não cessaram de se multiplicar, diversificando a promessa de estados modificados de consciência.

No início dos anos 90, Cândido Agra afirmava que, ao contrário do que ao primeiro olhar parecia, a droga era normal – melhor ainda, exagerava a normalidade². Pois não estávamos no auge da sociedade de consumo? E o que fazia o adicto senão levar esta lógica ao exagero? E, acrescentámos também nós na altura, o que fazem os mercados ilegais instalados nos territórios psicotrópicos senão funcionar de um modo ágil de acordo com o empreendedorismo, a flexibilidade empresarial e regendo-se pela omnipresente lei da oferta e da procura? E o que fez a economia das drogas senão

globalizar-se, desafiando todos os mecanismos estatais de controlo numa afirmação da nova ordem desregulada supranacional? As drogas não são, pois, só normais – são hipermodernas nos consumos e neoliberais no seu comércio.

As novas procuras psicotrópicas põem em evidência a hiper-individualidade, tal como a canábis, os psicadélicos ou os contactogéneos puseram em evidência os desdobramentos da individualidade. Vejamos alguns exemplos:

– Drogas de performance –

Nas nossas sociedades que repetem à exaustão os valores da excelência e do mérito, assistimos ao consumo das drogas de performance, as *enhancing drugs*. Inscrevem-se no princípio da superação das condições a que a nossa limitada condição humana nos condena. Há drogas de melhoramento cognitivo, como as há para potenciar o rendimento desportivo (*doping*) e para potenciar a modelagem corporal (esteroides anabolisantes). Dirão que não se trata de substâncias psicoativas. Mais interessante ainda, pois mostram como se pode ficar adicto na ligação ao corpo e não à cabeça – passe por agora esta dicotomia que separa aquilo que é uno. Seria interessante relacionar estas últimas com os distúrbios da imagem corporal numa sociedade assente na imagem e que convida cada indivíduo a criar versões de si próprio para o contínuo aparecer em que nos transformaram as tecnologias multimédia e as redes sociais. A insatisfação com o corpo tem vindo a tomar o lugar

2 Frase que ouvimos proferida ao autor em vários seminários e congressos.

da insatisfação com o espírito – é ele agora a sede de angústias como a do envelhecimento numa sociedade que apela ao eternamente jovem, e de adoecimentos como o das dismorfias, anorexias, vigorexias e obsessões em torno da forma física e das dietas.

Há, pois, condições socioculturais para que abundem os transtornos do impulso e as perturbações da imagem corporal, outorgando protagonismo a determinadas substâncias psicotrópicas. Nada de novo, pois desde que o terceiro vértice do triângulo de que falávamos atrás se instalou na compreensão das adições, todas as que conhecemos até hoje, mais do que revelarem o poder de um químico ou a patologia de um sujeito, evidenciaram a nossa relação com o macrosocial. Dito de outro modo, o sofrimento psicológico e a doença mental respondem a estruturas sociais – mais do que isso, ajudam-nos a lê-las, se os soubermos escutar. Pensemos como exemplo em tudo quanto poderemos dizer de uma época e do seu governo sociopolítico e sanitário quando olhamos para a figura hoje bem caracterizada do heroinodependente³.

– As drogas como *commodities* –

Numa sociedade que tem visto ascender os movimentos identitários que são a base das políticas da diferença, o “utilizador de drogas”

aparece a reivindicar os seus direitos e a sua identidade (associações de utilizadores de drogas, instalação da questão já não apenas no terreno das políticas sociais mas no dos direitos humanos, movimentos cidadãos para a regulação do uso da canábis). Por outro lado, a tecnificação dos contextos festivos do *party people* em torno de intervenções como a testagem das substâncias psicoativas (*drug checking*) e as intervenções psicológicas de suporte à *bad trip* mostram que as drogas se normalizaram, garantindo ao consumidor serviços como os que existem em qualquer outra prática integrada no funcionamento social corrente. Reproduzem-se assim no campo da psicoatividade as *commodities* características da sociedade de consumo e da ideologia do bem-estar (usufruto da felicidade, tão ao gosto da psicologia positiva). O utilizador de substâncias psicoativas reivindica-se como um psidadão, assumindo um papel ativo na definição das políticas de regulação das drogas⁴.

Se é certo que a modernidade colocou as drogas num registo de disfuncionalidade, laboriosamente – e não raro desastrosamente – construído pelas instâncias medico-sanitária e juridico-moral, os sinais que, sem pretensão de exaustividade, aqui deixámos apontados mostram que a constatação já velha de trinta anos de que elas exageram a normalidade continua a fazer sentido. Alguns dos seus regimes de consumo, o surgimento de novos coletivos e atores institucionais e o encaminhamento para o

3 Foi este um dos exercícios que caracterizaram, desde meados dos anos 80, os trabalhos em torno do fenómeno droga levados a cabo no Centro de Ciências do Comportamento Desviante da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, em que o nosso trabalho de investigação sempre se inscreveu.

4 Tomamos o termo de Edgar Cabanas e Eva Illouz (2019), *A Ditadura da felicidade – como a ciência da felicidade controla as nossas vidas*, uma análise crítica da psicologia positiva e do modo como ela está presente nas esferas do consumo de massas, do trabalho e da clínica.

ensaio de novas regulações das substâncias e dos seus consumos mostram que elas continuam com grande poder analisador daquilo que são as nossas artes políticas de gestão da vida social. Se as drogas se reduzissem ao químico estariam fora de nós; a parcela do indivíduo mostrou que só ganham

sentido na interação com as nossas circunstâncias psicológicas; e a parcela do contexto mostrou que, estando fora no químico e entrando em nós, andam à nossa volta não como entidade estranha à vida mas como elementos integrantes da dramática existencial.

REFERÊNCIAS

Baudrillard, J. (1987). *La part maudite*. *Le Courier*, UNESCO, Julho, 7-9.

Cabanas, E. & Illouz, E. (2019). *A ditadura da felicidade – como a ciência da felicidade controla as nossas vidas*. Lisboa: Temas e Debates.

Castro Caldas, A. & Rato, J. (2020). *Neuromitos – ou o que realmente sabemos sobre como funciona o nosso cérebro*. Lisboa: Contraponto Editores.

Escohotado, A. (1998) [1989]. *Historia General de las Drogas*, Madrid: Alianza Editorial.

Szasz, T. (1974). *Ceremonial Chemistry. The ritual persecution of drugs, addicts, and pushers*. Nova York: Anchor Press.